

★ ★ ★ EDITORIAL ★ ★ ★

No nosso HERESIAS Nº 1 relacionamos o sentido original da palavra heresia, o de escolha, com o desejo de que este Boletim fosse um canal de expressão de nossas opções; opções que se fazem num espaço de caminhos em construção e que contraponham e questionem a ordem e o estabelecido.

Na América Latina em 1990, segundo o BID, 204 milhões de pessoas (40% da população) viviam abaixo do nível de pobreza e 44% da força de trabalho encontra-se desempregada ou subempregada. Tais estatísticas colocam em simples números a miséria com a qual nós, latino-americanos, convivemos no nosso dia-a-dia, no nosso cotidiano; onde dor, fome, morte, riqueza, opulência... tornam-se adjetivos continentais, aos quais nos habituamos a conviver. Daí a contribuição do texto de Eduardo Galeano.

Hábitos e convívios apresentam a potencialidade de conduzirem a mera reprodução, a não mudança. Daí também apostar nos em outras formas de expressão - a crônica, e conteúdo cartográfico - a timidez (vide pág. 3).

O IIº EREGE, a ser realizado de 01 a 03 de novembro de 1991 em Rio Grande, com o tema "O QUE FAZ O PROFISSIONAL EM GEOGRAFIA: CONFLITOS ENTRE A FORMAÇÃO E A INSERÇÃO PROFISSIONAL" (programa pág. 4) é mais um passo dentro do movimento dos estudantes de Geografia-RS. A discussão dos temas, a elaboração de propostas, a

★ ★ ★ EXPEDIENTE ★ ★ ★

O boletim HERESIAS é uma publicação da COORDENAÇÃO ESTADUAL DOS ESTUDANTES DE GEOGRAFIA DO RIO GRANDE DO SUL.

Caixa Postal 15047 - CEP 91500
Porto Alegre/RS

Coordenadores:

Carlos Eduardo D'Elia Branco
Dario Belbute Peres
Ciselle Santos Laitano
Milton Luis Giglio da Silva

Delegados:

Délcio José Possobon de Freitas (Santo Ângelo)
Luiz Carlos Rodrigues (Rio Grande)
Paulo Roberto da Silva de Azevedo (Santa Maria)
Sérgio Delfino dos Anjos Borges (Pelotas)

★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★

participação e organização dos estudantes em seus DA's, entre outros, são lutas nossas e que têm como ponto de partida e de chegada a sociedade. Assim é imprescindível estarmos construindo nossas orientações políticas, bem como nos valeremos do nosso (pequeno) acúmulo de discussões expresso nas Resoluções do Iº EREGE.

A greve das Universidades Federais, o descaso do governo estadual com o magistério, as mensalidades das escolas particulares são questões que dizem respeito diretamente a nossa situação de estudantes e correlacionam-se com políticas gerais do governo Collor e de um outro (?) papel para o Terceiro Mundo. Nossa discussão/atuação também passa por aí e o HERESIAS é mais um espaço para nos manifestarmos. Faça-se presente, participe!

A COORDENAÇÃO

* * * * LEIA: * * * * *

**O desprezo
como destino**●
II EREGE☐
**CARTOGRAFIA
DE UMA TIMIDEZ**

O desprezo como destino*

O fim da história? Para nós, isto não chega a ser novidade. Após cinco séculos, a Europa decretou que a América Latina, a memória e a dignidade constituem delitos. Os novos proprietários de nossas terras nos proibiram de nos lembrarmos de nossa história e de fazê-la. Não nos restaria senão aceitá-la.

Pele negra, peruca branca, fantasias luminosas, roupas de seda e pedras "preciosas": no carnaval do Rio, os que morrem de fome sonham juntos e tornam-se reis por um dia. Durante quatro dias, o povo mais musical do planeta viveu seu delírio coletivo.

Na quarta-feira de cinzas, ao meio-dia, a festa termina. A polícia dá voz de prisão aos que continuam fantasiados. Os pobres despenham suas plumas e sua maquiagem, retiram as máscaras; estas máscaras de uma liberdade fugaz são substituídas por outras, invisíveis, que escondem o seu rosto: as máscaras da rotina, da obediência e da miséria. Até o próximo carnaval, as rainhas retornam à condição de vasalvas e as princesas vão limpar as ruas. Eles vendem jornais e não sabem ler, costuram roupas que não vestirão jamais, dão brilho em automóveis que jamais lhes pertencerão, constroem edifícios onde nunca viverão. Com seus braços baratos, eles oferecem produtos baratos ao mercado mundial. Eles construíram Brasília e de lá foram expulsos. Eles constroem o Brasil todos os dias e o Brasil é para eles uma terra de exílio.

Eles não podem construir a história. Estão condenados a sofrê-la. O fim da história. O tempo retira-se de cena e o mundo para de girar. Amanhã é apenas um outro nome para o dia de hoje. A mesa está servida: a civilização ocidental não nega a ninguém o direito de mendigar os restos.

Ronald Reagan retornou e diz: "A guerra fria acabou. Nós a ganhamos". E Francis Fukuyama, funcionário do Departamento do Estado, adquire de um só golpe, sucesso e celebridade, afirmando que o fim da guerra fria é igual ao fim da história. O capitalismo, que pretende se chamar democracia liberal, é o porto de chegada de todas as viagens: "a forma final do governo humano".

Horas de glória. Não há mais luta de classes, não há mais inimigos à Leste, somente aliados. O mercado livre e a sociedade de consumo obtêm um consenso universal, que foi apenas retardado pelo desvio histórico da miragem comunista. Como desejava a Revolução Francesa, somos hoje todos livres, iguais e irmãos. E todos proprietários.

Reino da cobiça, paraíso sobre a terra.

Da mesma forma que Deus, o capitalismo tem uma excelente opinião de si mesmo e não duvida de sua eternidade. Viva a queda do Muro de Berlim, escreve o diplomata peruano, Carlos Alzamora, que acrescenta: o outro muro, este que separa o mundo pobre do rico, é hoje mais alto do que nunca. É um apartheid universal. A ofensiva do racismo, da intolerância e da discriminação são mais e mais frequentes na Europa, punindo os intrusos que ousaram saltar este muro para entrar na cidade da prosperidade.

É flagrante. O Muro de Berlim está em pé antes de atingir os seus trinta anos, enquanto que o outro muro festajará em breve seus cinco séculos. A troca desigual, a extorsão

financeira, a sangria de capitais, o monopólio da tecnologia e da informação e alienação cultural são tijolos que se superpõem dia após dia, à medida que aumentam o saque das riquezas e da soberania dos do Sul pelos do Norte.

No que diz respeito ao dinheiro, é o inverso do que vale para as pessoas: mais ele é livre, pior fica. O neocolonialismo econômico que o Norte impõe ao Sul, como fim da história, com o sistema único e derradeiro, consagra a opressão sob a bandeira da liberdade.

O racismo vê-se assim elevado a categoria de doutrina econômica. O Norte confirma a justiça divina: Deus recompensa os povos eleitos e castiga as raças inferiores, biologicamente condenadas à indolência, à violência e à ineficiência. Em uma jornada de trabalho, um operário do Norte ganha mais do que um operário do Sul em duas semanas.

Salários de fome, custos, preços ridículos no mercado mundial. O açúcar é um destes produtos latino-americanos condenados à instabilidade e à queda. Durante numerosos anos, ele era, entretanto, uma exceção neste campo: a União Soviética pagava -paga ainda hoje- preço equitativo para o açúcar de Cuba.

Hoje, em plena euforia, o capitalismo triunfante esfrega as mãos. De acordo com alguns, este pacto não durará por muito tempo. Ninguém ousa imaginar que esta exceção exemplar poderia anunciar a possível criação de uma ordem internacional mais justa, de uma alternativa à pilhagem sistemática que os especialistas batizaram de "a deterioração dos termos da troca".

A ordem em vigor é a única possível; o comércio de rapina equivale ao fim da história. Preocupado com o colesterol, negligente com a fome, o Norte pratica, entretanto, a caridade.

Madre Tereza de Calcutá é mais eficaz que Karl Marx. A ajuda do Norte ao Sul é bem inferior às esmolas que ele se compromete a dar perante a ONU, mas lhe serve para vender suas bugigangas de guerra, seus exedentes e seus projetos de desenvolvimento que subdesenvolvem o Sul e provocam hemorragia para sanar a anemia.

Enquanto isto, no curso dos últimos cinco anos, o Sul faz doação ao Norte de uma soma infinitamente mais importante, equivalente a dois planos Marshall em valor constante, através de juros, royalties e diversos tributos coloniais, enquanto que os bancos credores do Norte sangram os Estados devedores do Sul e roubam nas suas empresas públicas sem nada dar em troca.

Felizmente, o imperialismo não existe mais. Ninguém mais fala nele; portanto, ele não existe. Esta história também chegou ao fim.

Mas se os impérios e suas colônias embelezam as vitrines dos museus de antiguidades, porque os países dominantes continuam a se armar até os dentes? Por causa do perigo soviético? Este pretexto não convence mais nem mesmo os soviéticos.

O orçamento da Aeronáutica dos Estados Unidos é mais elevado que o conjunto de todos os orçamentos para educação do chamado Terceiro Mundo. Desperdício de recursos? Ou recursos para defender o desperdício? A organização desigual do planeta, que aparenta ser eterna, poderia funcionar mais um dia se os países e classes que compraram o planeta se desarmassem?

POLÍTICA

Este sistema doentio de consumo e de arrogância, que se apropria com voracidade de terras, mares, ares e céus, monta guarda ao pé do alto muro do poder. Ele dorme com o olho aberto e tem razão. O fim da história é sua mensagem de morte. O sistema que sacraliza a ordem internacional canibal nos diz: "Eu sou tudo. Após mim, o nada."

Sobre a tela do computador, decide-se a sorte de milhões de seres humanos. Na era das super-empresas e da super-tecnologia, uns poucos são os mercadores e nós somos as mercadorias. A magia do mercado fixa o valor das coisas e das pessoas.

Os produtos latino-americanos valem cada vez menos. Nós, os latino-americanos, também.

O papa de Roma condenou energicamente o bloqueio efêmero ou antes as ameaças de bloqueio contra a Lituânia; mas o Santo-Padre não declarou uma palavra sequer acerca do bloqueio que pesa, há trinta anos, sobre Cuba nem sobre o que pesa sobre a Nicarágua, que dura há dez anos.

É normal. É assim normal pois os latino-americanos valem tão pouco vivos, que seus mortos são cem vezes menos cotados do que as vítimas do Império da Mal, hoje desintegrado.

Eles nos impuseram o desprezo como hábito. E agora vendem-nos o desprezo como único destino. Até hoje, a América Latina era a terra do futuro. Magra consolação, mas que vale mais do que nada.

Agora eles nos dizem que o futuro é o presente.

EDUARDO GALEANO

* Artigo publicado originalmente no jornal "Em Tempo", nº 251, junho/91.

PÓ ÉTICO

NÃO PENSES QUE SOU UM ALIENADO
SÓ PORQUE SOU UM SUBORDINADO SEU,
EU SOU UM GÊNIO QUE AINDA CAMINHA
NO ESCURO QUE VOCÊ DEIXOU.

(JORGE SOUZA)

EROS

O MEU OLHAR DESCIA COMO UM ÍMAN
AO CENTRO MAIS ARDENTE DO TEU
CORPO.

(ALBERTO DE LACERDA)

A CARETICE É UMA DOENÇA
TÍPICAMENTE INTELLECTUAL

(ROBERT M. FERRIS)

II EREGE

Este é o programa do II EREGE aprovado durante o XI BEPG em Santa Maria, em assembléia dos estudantes. A data do encontro está confirmada. Aguarde maiores informações para breve. Desde já MOBILIZE-SE para participar!

SAUDAÇÕES.

II ENCONTRO ANOSIANENSE DE ESTUDANTES DE GEOGRAFIA

Tema: "O Que Faz o Profissional em Geografia: Conflitos Entre a Formação e a Inserção Profissional"

Local: Fundação Universitária de Rio Grande, Rio Grande, RS.

Data: 01, 02 e 03 de novembro de 1991.

Programa:

Horário	01 de NOVEMBRO (segunda-feira)	02 de NOVEMBRO (terça)	03 de NOVEMBRO (quarta)
Das 08h00min às 12h	-Credenciamento -Exposição	-Saída de Campo Por Rio Grande	-Plenária Final
Das 14h às 17h	-Abertura -Palestra: "A Formação Acadêmica e os Conflitos com a Prática do Professor" (Prof. Gil Toledo - USP)	-Painel: "As Condições Entre o Profissional em Geografia, sua Prática de Trabalho e o Acaso Frente as Instituições de Ensino" (Prof. Arlindo Moraes Rodrigues UNICAMP, Virgínia C. Lucena Neves, FURG)	
Das 19h às 22h	-Grupos de Estudos: Tema: <u>Exigências Específicas da Formação do Profissional em Geografia: Universidade e Computador.</u>	-Grupos de Debate: (Continuação)	
Das 22h 30min às ...	-Ceileste		

PÓ ÉTICO

SÓ QUERIA DIZER, DEIXAR CLARO
MAS VARO A NOITE, VIRO O DIA
E NÃO SEI COMO CESSAR
O AÇÓITE DESTA AGONIA
SÃO DEZ CADÁVERES DE ANGÚSTIA
PARA DAR VIDA
A UMA BORBOLETA DE ALEGRIA
E EU NÃO SEI SE ISTO É SEMEADURA
OU ANTROPOFAGIA.

(CARLOS EDUARDO BRANCO)

MILHÕES DE CRIANÇAS CHORANDO NA NOITE
NA NOITE ESFÉRICA.
NÃO SÃO ELA QUE CHORAM;
É O FUTURO;

(CASSIANO RICARDO)

OS HOMENS NASCEM LIVRES E EM
TODOS OS LUGARES ENCONTRAM-SE
A FERROS.

(J. J. ROUSSEAU)

CARTOGRAFIA DE UMA TIMIDEZ

Aula de Biologia. O tema é a origem da vida e o professor apresenta a tese de Oparin-Muller sobre como do inanimado surge a vida- aquela história dos quatro gases da atmosfera primitiva que sofrem descargas elétricas, se combinam e se precipitam sobre os oceanos primitivos. Os primeiros núcleos precipitados se agrupam formando os coacervados. São estes a forma primal de vida? O que são os coacervados? E estes núcleos que precipitavam, o que eram? Como se desenrola o processo evolutivo dos núcleos até os coacervados? Todas estas dúvidas surgiram na minha cabeça durante e depois da explanação do professor e vieram a dificultar minha compreensão a respeito do tema. Porque não o interrompi e coloquei as minhas questões? A timidez. Este foi o motivo.

Outra situação: num bar uma guria, interessante, na mesa ao lado olha para mim com insistência. A mão sua, fico sem jeito e não vou conversar com ela. Por que? A timidez, novamente.

Em toda a minha estrada de tímido, construí para mim uma definição para a timidez: ela é uma insegurança estrutural. No dicionário a definição é mais cruel: fraqueza, imbecilidade, medo. Será que ser tímido é tão horrendo e execrável assim?

Outro dia, lendo um texto de psicologia, descobri uma teoria interessante de Freud a respeito do desenvolvimento psicológico. Para ele sempre há organizações biológicas de base sobre as quais os modelos psicológicos são organizados. A libido, energia que mobilizamos na busca do prazer, sempre organiza-se em torno de alguma parte do corpo humano, as quais correspondem etapas sucessivas do desenvolvimento psicológico (fases oral, anal, fálica e genital). Pois não é justamente na fase anal que pode estar a origem da timidez? Por favor, não tem nada a ver com o dito popular de que "cachorro mordido por cobra tem medo até de linguíça". Não é por aí!

O negócio é o seguinte: as fezes são objetos produzidos pela criança com prazer e oferecidas aos pais como prêmio. Se estes de alguma forma as rejeitam, dizendo "éca", "mas que cagão", torcendo os narizes ou se irritando todas as vezes que trocam as fraldas, a criança passa a crer que os seus produtos são maus e destrutivos. "É uma defesa usual expelir tudo que há em nós e que sentimos que é mau. Atiramos nossos produtos destrutivos no mundo, como depositário de nossas agressões, o mundo se tornará mau e destruído". Esta lógica é a paranóica. Mas não é esta estrutura psicológica que caracteriza o tímido. Este é apenas um primeiro momento. Num segundo momento os produtos rejeitados são retidos e controlados. Se estes geram angústia "necessito exercer um grande controle sobre o que posso libertar e sobre as pessoas para quem libertarei a minha produção". Isto é a neurose obsessiva, o nome técnico da timidez- a minha, ao menos.

Que loucura, não?! E tudo começando com uma merda de um cocô- com todo direito ao pleonasmo.

Por tudo o que foi dito a timidez parece algo altamente nocivo, negativo. E de fato, para a psicologia freudiana, ou pela pequena amostra de que dispomos, o é mesmo. Freud definiu o homem adulto normal como aquele que é

capaz de amar e trabalhar, ao que Raul Seixas, muitos anos depois, acrescentaria: "que gosta de ao domingo, ir com a família ao Jardim Zoológico dar pipoca aos macacos". Para mim, a ideia de normalidade é um tanto questionável e para a psicologia me parece sempre um modelo adaptativo e que nem sequer corresponde a "curva normal" dos tipos de conjunções psicológicas da maioria da população.

Se é verdade que, muitas vezes, a timidez atrapalha, como nos exemplos iniciais e muitos outros, também há os seus aspectos positivos. Geralmente os tímidos são mais reflexivos, não se precipitam e quando sentem-se seguros, para exporem-se, são muito sinceros. Mas não se trata de aqui criar uma polêmica- falsa talvez- de que ser tímido seja pior ou melhor, seja normal ou patológico. O fato é que somos tímidos e na maioria das vezes gostamos de ser assim. Se o mundo não fosse dos extrovertidos, ou melhor, se a sociedades não valorizassem tanto o discurso e a frequência das aparições individuais, talvez o nosso modo de ser fosse mais valorizado e até considerado "normal".

O que reivindicamos é que respeitem nosso modo de ser, não atropelando nossos discursos, não interrompendo nossas reflexões e jamais soltando as velhas execráveis charadas do tipo "muda de assunto" ou "não vai ficar rouco de tanto falar", pois aí vocês- os extrovertidos e/ou normais- estão rejeitando o nosso não-produto discursivo, que vocês tanto valorizam, e deste modo dificilmente terão acesso aos seus produtos interiores.

Quero dizer ainda, que apesar da timidez ser uma característica quase que constante na nossa personalidade, isto não quer dizer que sejamos lesmas dentro de nossos caramujos em todas as situações. Em muitas delas, mesmo sentindo-nos inseguros, assumimos nossa timidez e as enfrentamos. Também, em locais onde nos sentimos ambientados, dasandamos a falar. O que, nestas situações, nos leva a perguntar se somos tímidos assumidos ou extrovertidos enrustidos...

Sim, somos capazes de amar e de trabalhar e, sobretudo, por característica reflexiva, questionar as pipocas, os macacos, as famílias e os cocôs do mundo contemporâneo.

Difícil é saber em que trabalham os tímidos. Segundo pesquisa realizada pela "Fundação Luis Fernando Veríssimo de Estudos Sobre a Timidez" em colaboração com o "Down Eyes Institute", de Boise, Idaho, EUA, 5% dos entrevistados são escritores, 3% tocam um instrumento musical e 92% não responderam. Por timidez? Não. É que preferem não gastar as suas palavras em pesquisas imbecis.

CARLOS EDUARDO BRANCO/FRGS

CALVIN



Bill Watterson